

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO SEMIÁRIDO NORDESTINO NAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS LOCAIS REALIZADAS NAS CIDADES DE JUAZEIRO-BA E PETROLINA-PE.

Cássio Viana¹, Carla Paiva²,

1. Estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB – Campus III – Juazeiro-BA

2. Professora Dr^a. Adjunta da UNEB – Campus III – Juazeiro-BA, coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA e do projeto de pesquisa “Imagens e processos de formação cultural: um estudo sobre representações sociais, identidade, gênero e orientação sexual na educação e no audiovisual brasileiro”

Resumo

O Semiárido nordestino apresenta-se como cenário na produção de importantes obras do cinema nacional. Em pesquisa anterior, intitulada “Signos de nordestinidade: análise da representação das identidades nordestinas presentes no cinema brasileiro”, feita no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, evidenciou-se que, o que se chama de sertão ou Nordeste brasileiro foi insidiosamente construído e difundido por imagens estereotipadas. Atualmente, esses discursos sobre o Semiárido Nordeste estão sendo ressignificados tanto na perspectiva e valorização de outros elementos da realidade local quanto no reconhecimento da diversidade dos sujeitos que coexistem nessa região. Face ao exposto, buscamos analisar a representação do Vale do São Francisco nas produções locais contemporâneas, observando se há ou não correspondência com os signos de nordestinidade anteriormente diagnosticados no cinema nacional.

Palavras-chave: Representações sociais; cinema; identidade.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Trabalho selecionado para a JNIC: Universidade do Estado da Bahia.

Introdução

As áreas que compõem o Semiárido que, anteriormente, eram representadas nas artes e nas mídias, pela seca, miséria, atraso e natureza hostil, através de um discurso estereotipado, estão sendo repensadas quanto ao reconhecimento da pluralidade e inteireza dos sujeitos que coabitam essa região. No campo da educação, por exemplo, difunde-se a proposição da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido – ECSAB, que defende uma outra dinâmica sociocultural que seja capaz de redimensionar o lugar dos sujeitos e das imagens produzidas sobre esses e a natureza, focando, sobretudo, no recorte territorial do Semiárido brasileiro, tomando como elemento *sine qua non* as potencialidades e especificidades desse território, viabilizando o surgimento de um modelo político, econômico e social, alicerçados no bem viver dos povos e na sustentabilidade de seus modos de vida. Em paralelo a essas discussões, no audiovisual local, percebemos, a partir do início dos anos 2000, que houve uma proliferação das produções cinematográficas locais e filmes de média e longa metragens, discutindo questões referentes ao Semiárido e sua população.

Filmes como *Irmãos Quixabá* (2004); *Açúcar Amargo* (2007); *Na quadrada das águas perdidas* (2011); *Ser Tão Avoador* (2013) e *Barco sem pescador* (2015) descrevem em suas sinopses uma intencionalidade voltada para uma outra forma de representação sobre a região e, por esse motivo, nos interessou enquanto problema de pesquisa, realizar uma investigação que analise como a identidade do Semiárido nordestino vem sendo construída e difundida nas produções fílmicas locais, realizadas nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

Metodologia

Realizamos esta investigação à luz das representações sociais, a partir da análise de conteúdo, que, de forma objetiva e sistemática, se apresenta como um método também adequado “por fazer a ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa” (BAUER, 2002), possibilitando a relação dos dados obtidos com alguns aspectos de seu contexto (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 288). Destacamos, em seguida, a intertextualidade, pela constituição de uma relação dialógica entre cinema e literatura já registrada em pesquisa anterior, como outro método de estudo apropriado a este projeto. A intertextualidade, dialogismo ou polifonia pode ser entendida como “a fusão de gêneros e de estilos, a mistura das visões da realidade, a pluralidade das vozes, as relações culturais e textuais” (CURI, 2002, p. 68). Segundo Laurent Jenny (1979), a intertextualidade pode ser implícita ou explícita. A primeira se fundamenta na suposição de que todo o texto se inscreve na história dos textos antecedentes da sua série ou sistema, ou seja, toda obra literária é fruto de um trabalho de transformação e assimilação, transformação ou de transgressão, ressaltando a influência de precursores nas

lembranças do poeticista. Enquanto a intertextualidade explícita se caracteriza pelo conteúdo formal da obra já deixar transparecer a sua relação com outros textos e ou imagens. Também fizemos um diálogo com a análise da imagem que, segundo Marcel Martin (2003), na linguagem cinematográfica, corresponde a um conjunto de procedimentos de expressão que avaliam no cinema o enquadramento, tipos de plano, ângulos de filmagem, entre outros elementos.

Assim, de acordo com essas abordagens teórico-metodológicas supracitadas, as técnicas que utilizamos para análise dos filmes foram: análise e interpretação dos componentes verbais - os diálogos travados entre as personagens -, dos componentes sonoros - trilhas diegéticas e extradiegéticas -, dos componentes imagéticos (movimentos de câmera, iluminação, enquadramentos, composição das cenas, ambientação das locações, etc.), de interpretação, além de analisarmos também a estética dos filmes no que diz respeito à concepção de paleta de cores, maquiagem das personagens e figurinos.

Resultados e Discussão

No percurso da investigação, mapeamos cinco principais produções cinematográficas de média e longa metragens realizadas nas cidades de Juazeiro- BA e Petrolina- PE, dentre elas *Irmãos Quixaba* (2004); *Açúcar Amargo* (2007); *Na quadrada das águas perdidas* (2011); *Ser Tão Avoador* (2013) e *Barco sem pescador* (2015). De modo geral, através da análise dos filmes, identificamos elementos narrativos, visuais e da interpretação, que contribuem para a reprodução de reducionismos acerca da representação dessa região ao invés de difundir outras leituras que deem visibilidade às suas potencialidades e possibilidades de convivência, mesmo diante das suas peculiaridades naturais. Em todos os filmes, o Semiárido Nordeste aparece como espaço da saudade, representado em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista, em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não escravistas (ALBUQUERQUE, 2003).

Para isso, recorrentemente, identificamos a presença de tais discursos “nordestinizadores”: o da violência como uma forma de conduta, o da mulher nordestina submissa, o da mulher-macho, o do vaqueiro como herói, e o do migrante, que vê o litoral como a personificação de esperança para encontrar uma vida melhor, longe das intempéries do Sertão. Predominantemente, nos filmes, identificamos a utilização de uma paleta de cores que vai do laranja ao marrom, ofuscando nossa atenção para o verde da vegetação, além do uso de uma concepção de maquiagem e figurinos que dão ideia de sujeira, oleosidade e pobreza.

Verificamos também, em relação às escolhas estéticas e de interpretação, principalmente, nos filmes *Uma Aventura no Semiárido* (2016) e *Na Quadrada das Águas Perdidas* (2011), algumas características da Estética Armorial de Ariano Suassuna, amplamente ancorada no Movimento Armorial, uma vez que se utiliza de uma narrativa “mítica, alegórica, homérica, quixotesca” (MARQUES e LIMA, 2014) e melodramática, “onde os planos de real, ficcional, fantástico e onírico são imbricados uns nos outros por fronteiras espaciais, temporais e narrativas tênues, sutis e dialéticas” (MARQUES e LIMA, 2014). Seus personagens recorrem a uma performance melodramática (de caráter popular e interpretação exagerada), demasiadamente teatralizada e caricata, podendo reforçar arquétipos do imaginário social e popular sobre a representação nordestina e, inclusive, cristalizar/rotular uma “forma” de interpretar do “ator nordestino”.

Apontamos ainda para o uso recorrente do recurso do *flashback* nos filmes, caracterizado pela interrupção de uma sequência cronológica narrativa pela intercalação de acontecimentos ocorridos anteriormente. No cinema brasileiro, esse recurso técnico é sempre usado para voltar ao passado. No caso das narrativas sobre o Nordeste e sua gente, a utilização deste recurso auxilia também na manutenção de uma imagem obsoleta, em que o Nordeste sempre é representado como espaço da saudade e da tradição (PAIVA, 2014).

Em contrapartida, ao passo que é predominantemente “contaminado” por esses reducionismos supracitados sobre a representação do Semiárido Nordeste, *Uma Aventura no Semiárido* (2016) também possui tomadas que valorizam o verde presente na Caatinga, mostrando a diversidade de plantas para as mais variadas finalidades (na horta de Ditinha, por exemplo, aparece uma variedade de hortaliças, frutas, verduras e plantas medicinais); discute a questão da necessidade de preservação da natureza e do “bom uso” dos recursos naturais; a participação dos “atravessadores” no controle do fundo de pasto; o estereótipo de que as pessoas do Semiárido passam fome (come calango e jacaré); a questão da concentração de terras e grilagem (que impedem o extrativismo sustentável da terra pelos moradores); a formação histórica da caatinga e de sua biodiversidade climática, de fauna e flora; o acesso à água (tecnologias de captação, guarda e manejo, como cisternas-calçadão, barreiros, barreiro-trincheira e tanques de pedras), o assoreamento do Rio São Francisco, a Educação Contextualizada com o Semiárido; o beneficiamento e comercialização de produtos que fazem a convivência com o Semiárido (como uma cooperativa de doces e outros produtos derivados de umbu, uma fruta da região); e a eficácia da criação de caprinos (fonte de alimentação e rendas dos agricultores) em detrimento da de gado, uma vez que é um animal de difícil adaptação à região. Contraditoriamente, *Na Quadrada das Águas Perdidas* (2011) expõe uma relação de harmonia entre o personagem e a natureza, ao mesmo tempo em que deixa transparecer traços de um determinismo geográfico, em que o homem é produto do meio. O espaço é sempre mostrado em sua ambiguidade de falta e vislumbre (através da biodiversidade do bioma).

Nos filmes *Açúcar amargo* (2007) e *Barco Sem Pescador* (2015), apesar de serem do mesmo diretor, evidenciam assertivas distintas. Identificamos no primeiro filme uma tentativa bem-sucedida de atualizar a representação estigmatizada da mulher nordestina submissa, principalmente, ancorada no discurso da personagem Marta, que confronta a visão do pai, que acredita que as mulheres “só prestam para a cama e para a cozinha”. A personagem luta para conseguir estudar jornalismo e acredita um dia ver igualdade entre homens e mulheres. Ao passo que no segundo filme, mesmo sendo mais novo, prevalece o signo da mulher nordestina submissa diante do vazio, da perda e da morte do pescador João Pedro, esposo de Estela, que, juntamente com a sua avó, Dona Ana, vivem amarguradas pela ausência do “homem da casa”. O filme *Irmãos Quixaba* (2004) não foi analisado porque o diretor do filme não o disponibilizou para o grupo de pesquisa, uma vez que só tem uma cópia do filme.

Por fim, realizamos reuniões e discussões semanais em grupo de pesquisa e produzimos artigos científicos que integraram eventos locais e regionais. Dentre eles, “Representações do Semiárido Nordestino a partir dos filmes *Uma aventura no Semiárido* (2016) e *Na Quadrada das Águas Perdidas* (2011)”, que compõe os Anais do XIV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT) e “Representações do Semiárido Nordestino nos filmes *Ser Tão Avoador* (2013) e *Abril Despedaçado* (2001)”, apresentado no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, em Juazeiro- BA, no período de 5 a 7/7/ 2018.

Conclusões

A partir da análise fílmica e imagética dos cinco filmes supracitados, concluímos que suas escolhas narrativas, estéticas e de interpretação contribuem significativamente para o processo de homogeneização da imagem do Semiárido Nordestino enquanto espaço da saudade, representado em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista, em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não escravistas (ALBUQUERQUE, 2003). Inegavelmente, apesar das intencionalidades, ainda é possível identificar, hoje, no cinema brasileiro e regional, como é o caso dos filmes supracitados, todos produzidos no contexto do Semiárido Nordestino, elementos narrativos, visuais e da interpretação, que contribuem para a reprodução de reducionismos acerca da representação da região ao invés de difundir outras leituras que deem visibilidade às suas potencialidades e possibilidades de convivência, mesmo diante das suas peculiaridades naturais.

Consideramos que esses estereótipos e reducionismos em relação à representação do Semiárido Nordestino estão cada vez mais consolidados e engendrados na cultura e, inclusive, no inconsciente dos indivíduos, não somente os que não vivem na região, mas sobretudo, os que vivem, uma vez que mesmo com a intencionalidade de produzir novas narrativas sobre o Nordeste, acaba-se reforçando os mesmos estigmas. Por isso, destacamos a importância de uma prática contínua de identificação desses signos de nordestinidade que rotulam a região para que, posteriormente, forjem-se outros discursos, que ecoem desse mesmo contexto, que sejam protagonistas no processo de novas visibilidades.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. A invenção do Nordeste e outras artes. 2 ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2003.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DEBS, S. Cinema e literatura no Brasil: os mitos do sertão, emergência de uma identidade nacional. Fortaleza: Interarte, 2007.
- FARIAS, R. As (arqueo)genealogias perversas no cinema de Pedro Almodóvar. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Literatura, Santa Catarina (SC), 2009-1. Orientação: Prof. Dr. Wladimir Antônio Garcia.
- FONSECA JÚNIOR, W. C. da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.
- GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Braziliense, 2003.
- MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARQUES, J. A.; LIMA, Franciele Busico. A estética armorial na microssérie “A pedra do Reino”. Poéticas Visuais, Bauru, v. 5, n. 1, p. 14-24, 2014.

OLIVEIRA, V. da L. Análise da representação de três signos de nordestinidade presentes no cinema pernambucano contemporâneo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III, Orientadora: Carla Conceição da Silva Paiva, 2017.

PAIVA, C. C. da S. Mulheres nordestinas, sujeitos ou objetos?: análise da representação feminina em quatro filmes brasileiros da década de oitenta. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, 2015.

REIS, Edmerson e CARVALHO, Luzineide Dourado (Org.). Educação contextualizada: fundamentos e práticas. Juazeiro: UNEB Campus III; NEPEC/SAB; MTC; CNPq, 2011.

RESAB, Secretaria Executiva. Educação para a convivência com o semi-árido: reflexões teórico-práticas. Juazeiro: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-árido Brasileiro, 2004.

VALENTE, E. O melodrama em tess: uma análise do filme de Roman Polanski. Monografia – Universidade Federal da Bahia, Curso de Especialização em Análise do Discurso Audiovisual (Cinema, TV e Vídeo) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador (BA), 2008. Orientação: Prof. Dra. Maria Carmem Jacob de Souza.